



# PORTUGAL DEMOCRATICO

ANO XII — N.º 131 — SÃO PAULO, JULHO E AGÓSTO DE 1968 — REDAÇÃO: RUA CONSELHEIRO FURTADO, 191 — SALA 2 — CAIXA POSTAL 6248

## Uma Grande Vitória Popular

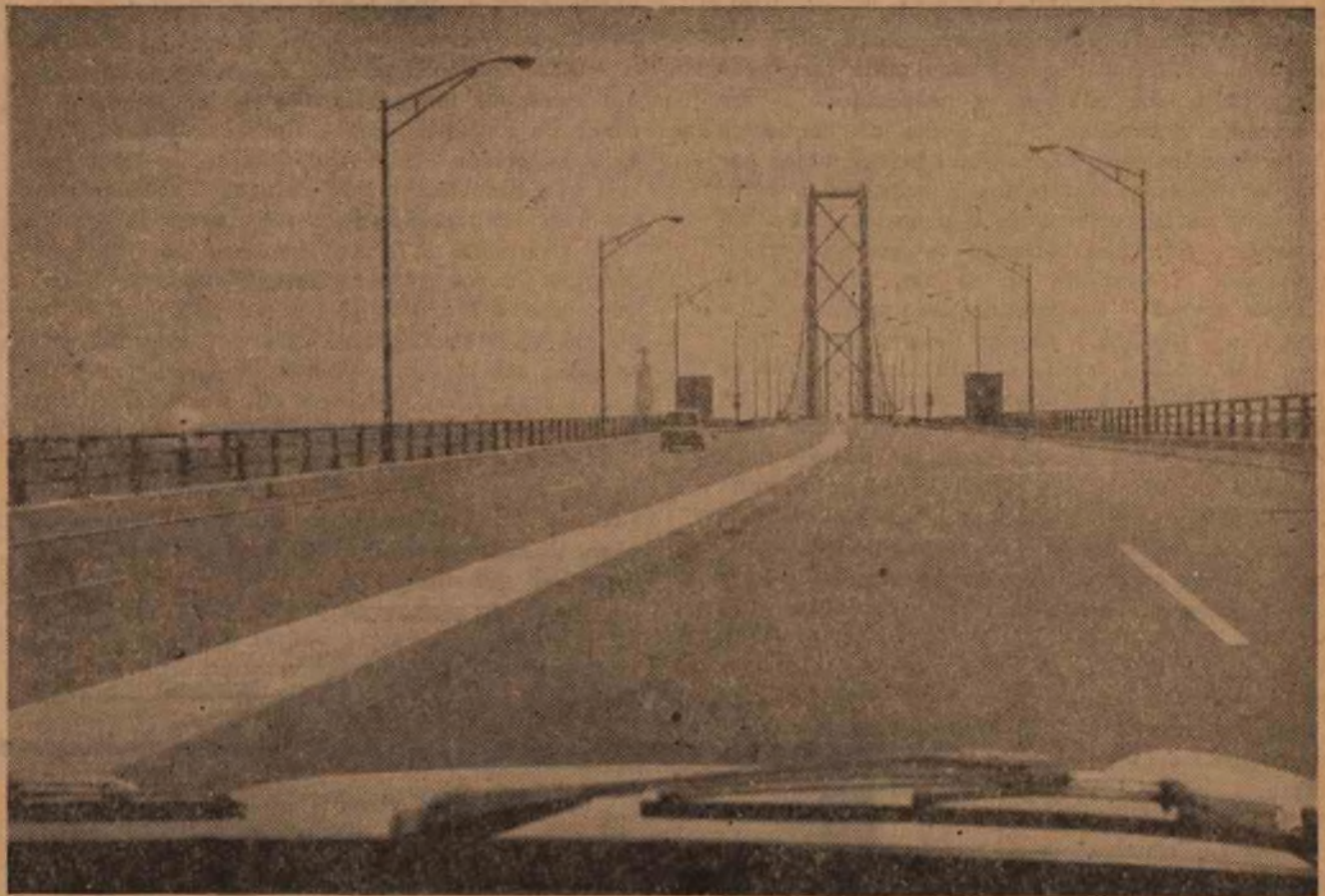
Os trabalhadores da Carris de Lisboa desencadearam no início de Julho uma greve que se tornou assunto da imprensa internacional.

Não foi a da Carris uma greve qualquer. Não temos mesmo notícia de nenhuma greve deflagrada em Portugal nos últimos anos tão bem concebida taticamente e de tamanha significação pelas suas implicações de carácter revolucionário. Nenhum eléctrico, nenhum autocarro parou. O sistema de transportes públicos de Lisboa não foi afectado. O pessoal procurou, pelo contrário, imprimir o máximo de eficiência a todas as operações do tráfego, evitando prejuízos aos passageiros. Não era a população da capital que ele queria atingir, mas sim a administração da empresa e o governo fascista que a apoia e sustenta. Daí a decisão do comando de greve: não parar nenhum veículo, mas não cobrar nem um centavo a passageiro algum. Dois anos de luta constante, de uma combatividade crescente, de reforço da unidade e de aperfeiçoamento da organização conduziram a esse admirável desfecho: uma greve entusiasticamente aplaudida pela população e que se traduziu num prejuízo de muitos milhões de escudos para os cofres da Carris.

Como era de esperar, a população compreendeu desde o primeiro dia os objectivos do movimento, emprestando-lhes uma solidariedade irrestrita. Nunca houve, pode afirmar-se, uma greve tão popular em Portugal. O povo viajou de graça durante três dias, comentou jocosamente o desespero imponente das autoridades fascistas e tirou dos factos as multiplas lições neles implícitas.

Esta greve original não foi uma simples greve reivindicativa. Na base dela há evidentemente reivindicações das quais os seus participantes não abdicavam, pois não estavam dispostos a aceitar os ridículos aumentos que lhes eram oferecidos para compensar uma elevação considerável das tarifas. Batiam-se por salários justos, decentes. Mas os grevistas tiveram desde o início a consciência de que o movimento possuía um carácter explosivo pela solidariedade contagiante da população. O Governo foi posto em xeque, ridicularizado, derrotado por um punhado de trabalhadores de cuja luta participou a população. Foi aliás esse apoio da massa, a aliança tácita dos passageiros com os funcionários da Carris que desconcertou e alarmou o fascismo, impedindo-o de usar como desejava o seu aparelho de repressão. Contra um milhão de lisboetas a PIDE sentiu-se impotente. No intuito desesperado de salvar a fachada, Salazar, após dois dias de hesitações, militarizou os transportes, colocando neles gente armada. Mas a derrota já então era um fato consumado. O fascismo teve de ceder, forçando a empresa a conceder um aumento de 20 escudos por dia aos grevistas. Depois, mas só depois, começaram as prisões dos elementos que mais se haviam destacado durante o movimento. Entretanto, segundo informações das agências noticiosas, os detidos foram logo postos em liberdade. O governo temia as consequências...

Há muito que as debilidades tremendas da ditadura não eram tão claramente reveladas a tantos portugueses. Muita gente apercebeu-se pela primeira vez de que o gigante fascista tem pés de barro e de que a força de Salazar nasce da desunião e da desorganização dos que o combatem. Uma greve de braços cruzados dos cobradores da Carris bastou para fazer estremecer o governo. E, o que é mais importante, mostrou que o aparelho de repressão teme a massa e que, juntas, a PIDE, a GNR e a PSP são totalmente impotentes quando o povo se une, na defesa das reivindicações da classe operária.



A ponte sobre o Tejo, em Lisboa, oferece, de manhã à noite este espectáculo desolador: nem carros nem peões. V. artigo de Francisco Vidal (pág. 2).

### EM MATOSINHOS

## NOVA GREVE DE PESCADORES

**MATOSINHOS** (Do Correspondente) — Os pescadores desta vila, cuja luta contra aqueles que os exploram e contra as imposições dos organismos corporativos da pesca se vem desenrolando há quase um ano em condições reveladoras da admirável combatividade da classe, acabam de oferecer ao País novas provas da sua heroica determinação de não ceder na defesa das suas legítimas reivindicações. Deflagraram uma nova greve e em condições tais que se converteram uma vez mais em alvo do respeito de todos aqueles que se batem contra o fascismo.

Os antecedentes do movimento estão ligados às normas estabelecidas pelas autoridades fascistas para funcionamento do chamado cais de descarga do peixe das traineiras. Logo que o cais começou a funcionar, no dia 1 de junho, os pescadores passaram a reivindicar 50 escudos por cabaz cheio, quantia a dividir pelos camaradas que o fazem em cada traineira. Os armadores recusaram a exigência, oferecendo apenas 30 a pagar através do Gremio. O conflito estava esboçado. E no dia 28 registrou-se a primeira explosão quando um pescador se apresentou no Gremio para cobrar o que lhe era devido. O Gremio pagou na base dos 30. Meia hora depois pressionado pelos companheiros, o dito pescador voltou ao Gremio e devolveu o dinheiro. No dia seguinte, apresentaram-se numerosos pescadores para receber. Entretanto, ao saberem que o preço de 30 seria mantido, nem um só quis fazer contas. E na segunda feira, dia 1 de Julho, como os armadores não cedessem, os pescadores negaram-se a descarregar o peixe dos barcos.

A PIDE entrou então em cena e, com auxílio de um tenente da Polícia Marítima, deu 15 minutos aos pescadores para iniciarem a descarga. Nem um só se dobrou às ameaças. A reacção foi brutal. A Polícia Marítima evacuou todo o pessoal que se achava na praia e fechou os portões, intimando te-

dos os mestres a comparecerem imediatamente na Capitania. Nem todos foram, mas os que se apresentaram receberam ordem de prisão. Em seguida, vários carros

com metralhadoras percorreram a vila à procura dos restantes mestres.

No dia 2 — data em que enviava —  
(Continua na pág. 7)

### AIDA PAULA EM LIBERDADE

Na sua campanha tenaz contra a repressão fascista o povo português acaba de alcançar mais uma grande vitória, conquistando a liberdade para AIDA PAULA.

O comovente movimento de protesto levado a efeito tanto em Portugal como junto da opinião pública internacional assumiu tais proporções que o regime fascista, a exemplo do que aconteceu em casos semelhantes, recuou. A imprensa estrangeira havia criado tal ambiente em torno do julgamento de Aida Paula que os juizes do Tribunal Plenário da Boa Hora, quando se realizou a primeira audiência, no dia 23 de maio, apresentaram-se extremamente nervosos, certos de que uma nova farsa jurídica, em conluio com a PIDE, provocaria uma vaga de protestos, criando ao próprio Governo de Salazar prejuízos superiores à derrota que representaria a libertação da heroica militante operária. Quando o julgamento recomeçou, dias depois, havia já a convicção generalizada de que Salazar dera instruções para a absolvição. E a sentença foi de fato essa. Entretanto, o presidente do Tribunal, juiz Almeida Moura havia recebido dezenas de telegramas, cartas e apelos pedindo a libertação de Aida Paula. Entre as mensagens mais expressivas houve uma, de França, assinada entre outros por Laurent Schwartz, professor da Sorbonne; Arthur Adamov, escritor; Jean Cassou, escritor; e Joseph Kessel, es-

critor, todos nomes de expressão mundial. De Paris chegou também um telegrama subscrito por operários portugueses e outro assinado pelos destacados democratas Maria Lamas, Silas Cerqueira, Magalhães Vilhena, Jorge Reis, Leite Faria, Lopes Cardoso, Veiga Pereira, etc. A União Nacional dos Estudantes Franceses também enviou um telegrama ao juiz Almeida Moura, bem como as seguintes entidades: Confederação Geral do Trabalho, Socorro Popular Francês, União das Mulheres Francesas, Partido Comunista Francês, e várias organizações de trabalhadores polacos, italianos e espanhóis.

A Comissão de Solidariedade aos Presos Políticos Portugueses desempenhou um importante papel na campanha.

Cabe recordar que Aida Paula havia sido presa pela terceira vez em julho de 1967, tendo passado depois dez meses submetida à tortura e ao sofrimento. Quase 31 anos da sua vida foram passados entre a clandestinidade e as prisões.

A notável vitória que acaba de ser alcançada deve ser encarada como estímulo para outras. Só a ação decidida e organizada dos democratas portugueses, apoiados pela opinião pública internacional, faz recuar Salazar e a PIDE. Outros presos podem e devem ser arrancados à polícia política. E em primeiro lugar PIRES JORGE E SOFIA FERREIRA. É preciso, urgente, lutar mais e mais pela libertação desses dois heroicos patriotas.

# O DIABO E A SUA PONTE CASTRO SOROMENHO

FRANCISCO VIDAL

Em anterior edição deste jornal, e a propósito da inauguração da ponte sobre o Tejo, conhecida pelo povo como a Ponte do Diabo, já que leva o nome daquêlê que diabòlicamente desgoverna Portugal há quatro décadas, afirmávamos que essa obra não poderia ser motivo de satisfação para os portugueses, pois era produto de uma ditadura das mais ferozes e duradouras da História e perpetuava — ou pretendia perpetuar — o nome do caquético Papa Doc lusitano, tão odiado pelos nossos patrícios; dizíamos então que o primeiro a atravessá-la seria certamente o próprio Diabo em pessoa, o que não sabemos se acabou correspondendo à verdade ou se ele, fazendo das "tripas coração" e apelando para a pouca ética que ainda preside a alguns de seus atos, mandou que fosse à frente o velho imbecil que se julga o Chefe da Nação, o que tem Deus no nome mas o Diabo na alma, que ao Diabo obedece e do Diabo recebe tôdas as ordens para garantir o "caviar das crianças", já agora mulheres feitas e que nada devem a ninguém nem mesmo à formosura... Por certo que isso aconteceu e que os circunstantes tiveram o desprazer de observar o cortejo das autoridades, mais cortejo tenebroso que outra coisa, levando em linha de conta que, na feliz frase do malogrado Humberto Delgado, Portugal goza hoje da "paz dos cemitérios", à frente, grotesco e alvarmente sorridente, o número um — in nomine — do regime, logo após, com aquela estudada gravidade que esconde a sua imensa maldade e inoperância o "Pai de todos", o verdadeiro dono de tudo, aquêlê a quem os portugueses ficarão a dever, por tôda a eternidade, a sua precária situação e que por todos será amaldiçoado até à consumação dos séculos.

O que realmente não supunhamos e estamos agora sabendo é que a Ponte do Diabo se constituiu com os anos em mais uma obra de fachada, daquelas em que são pródigas as ditaduras de todos os tempos que, à falta de ações sociais — nos planos da instrução, da saúde e quejandos — procuram eternizar o seu nome através de "coisas que se vejam", julgando que assim, pobres delas, os povos as recordarão com saudade e respeito ao invés de, como realmente sucede, a grei só delas se lembrar com horror, recordando, em épocas melhores, os feitos terríveis das suas arbitrariedades e despotismo.

Pois parece que na realidade assim está sucedendo com a famigerada Ponte do Diabo. Projetada para servir ao tráfego rodoviário e ferroviário, apenas para o primeiro foi aberta;

o segundo virá mais tarde, já que o mais urgente é com efeito o dar passagem rápida aos automóveis, et pour cause; os ricos, os oligarcas do regime não andam de trem. Quanto aos pedestres não tiveram vez nesta "extraordinária realização" do Estado Novo; que se danem e vão de ferry-boat, que é muito bom para eles...

Acontece porém que mesmo aquêlê que em Portugal têm automóvel estão achando o diabo da Ponte do Diabo um bocado cara para as suas posses. Abstraindo daquelas 100 famílias que tudo têm e que de tudo dispõem, graças à sua capacidade incomensurável de apoiar irrestritamente o Diabo Lusitano, em troca de pingues lucros que recebem à custa do "sangue, suor e lágrimas" do nosso pobre povo, os outros, os trabalhadores que necessitam, para as suas atividades normais, de condução própria e que, como é hábito em Portugal, "contam todos os tostões", exatamente porque os contam preferem continuar atravessando o Tejo nas barcas, por certo porque não o podem fazer a vau, olhando de soslaio a majestosa obra diabòlicamente erguida no belo estuário do nosso principal rio.

Segundo parece os preços para que se tenha o privilégio de atravessar a Ponte do Diabo regulam por três vezes mais que os dos, aliás cómodos e rápidos, terry-boats, que há tantos anos nos habituamos a ver e a utilizar nas nossas passagens entre Lisboa e Cacilhas; assim sendo, passados os primeiros tempos em que todos empregavam a Ponte, movidos pela curiosidade de "sentir-lá" de perto, passado esse interesse da primeira hora, voltaram os "alfacinhas" aos antigos hábitos bem mais económicos, se bem que à custa de algum tempo a mais que perdem, o que em Portugal não tem a menor importância, face à falta de interesse na vida e de qualquer antevisão de um futuro mais risonho, impossível de ter já que a ditadura encerrou os pobres portugueses em um "colete de forças" de indiferença e pessimismo; em Portugal ninguém tem pressa de nada, talvez só de morrer, o que na realidade pouca diferença faz pois mortos e vivos têm lá a mesma sorte; usufruem, ambos, a tal "paz dos cemitérios", a que me referi mais atrás...

Pobre sorte para a Ponte do Diabo! O pobre diabo da ponte que leva o seu nome deve pensar o quanto os nossos patrícios são mal agradecidos, ao não utilizarem, embora à custa de pesado rombo na sua apertada economia, o diabo da Ponte do Diabo!

Ao diabo com a ponte do dito cujol...

Faleceu na madrugada de 18 de junho, no Hospital da Beneficência Portuguesa de São Paulo, vítima de doença súbita, o escritor Fernando Monteiro de Castro Soromenho. — Castro Soromenho nasceu em 31 de janeiro de 1910, na vila de Chinde, na Zambézia. Viveu até 1937 em Angola, onde trabalhou na Companhia dos Diamantes, e onde foi funcionário dos Quadros Administrativos. Inicia ali a sua carreira de jornalista, tendo sido redator do Diário de Luanda. Estes primeiros 27 anos da sua vida, passados em Angola, foram decisivos na formação da sua personalidade. Como jornalista, como escritor, como intelectual atuante, Castro Soromenho ficou ligado a Angola até aos últimos dias da sua vida. Fixa residência em Lisboa em 1937, como redator do semanário Humanidades. É nesse ano que visita pela primeira vez o Brasil. Em Portugal, a partir de 1937, aparece colaboração sua em jornais, como O Primeiro de Janeiro, em revistas como a Seara Nova, O Diabo. Por essa época foi também redator do jornal literário D. Casmurro, do Rio de Janeiro. Foi depois redator dos diários A Noite, Jornal da Tarde, O Século. Em 1949 volta ao Brasil como redator-correspondente do Diário Popular, tendo então visitado a Argentina. Voltando a Lisboa abandona o jornalismo para se dedicar à direção de uma Editora. É a partir dessa data que Castro Soromenho surge no consenso geral como o maior escritor de língua portuguesa sobre problemas africanos. Deixa uma obra, em que a ficção, o conto, a novela, o romance, predominam: Nhari, 1938; Noite de Angústia, 1939; Lendas Negras, 1939; Imagens da Cidade de São Paulo de Luanda, 1939; Homens Sem Caminho, 1942; A Aventura e a Morte no Sertão, 1943; Rajada e Outras Histórias, 1943; A Expedição ao País do Ouro Branco, 1944; Mistérios da Terra-Mocanda-Cagongo, 1944; Calenga, 1945; A Maravilhosa Viagem dos Exploradores Portugueses, 1946-1948; Terra Morta, 1949; Sertanejos de Angola, 1943; e o seu último livro, o romance Viragem. Entre todos os seus livros, tiveram grande sucesso entre o público e a crítica internacional os romances: Terra Morta e Viragem. Terra Morta, cuja primeira e única edição em língua portuguesa foi impressa no Brasil, em 1949, teve, sob o título Camaxilo, uma edição em língua francesa pela editora Présence Africaine, em Paris. Viragem teve, além de uma edição em Lisboa, uma edição em russo na União Soviética, e uma edição francesa pela livraria Gallimard, em Paris. Uma nova edição em língua portuguesa acaba de sair em São Paulo. Foram estes dois romances que levaram Roger Bastide (Professor de Sociologia na Sorbonne) a situá-lo entre os maiores escritores africanos do nosso tempo. Foram estes dois romances que levaram o Presidente-Poeta, da República do Senegal, Léopold Senghor, a espantar-se quando soube que Castro Soromenho não era negro. Castro Soromenho, no dizer de Roger Bastide,

"viu os negros de dentro e não de fora", "viu a África... não com olhos de branco, mas com os olhos dos negros". — Um dos maiores escritores africanos, talvez o maior escritor africano de língua portuguesa, dos nossos tempos, não podia ter vida tranquila no Portugal fascista e colonialista de Salazar. E é assim que Terra Morta nunca pôde ser editada em Portugal. É assim que Viragem foi apreendida. É assim que a imprensa



portuguesa fica proibida de citar o nome de Castro Soromenho, até mesmo em anúncios de Editoras... Apertando-se cada vez mais o cerco da Censura Salazarista, e logo depois o da própria Polícia Política Salazarista (P.I.D.E.), Castro Soromenho consegue em 1961 chegar a Paris, onde ia iniciar um exílio penoso, difícil, só contrabalançado pela sua extrema coragem e determinação. Como intelectual e militante anti-salazarista e anti-colonialista, Castro Soromenho chegou mesmo a ter a vida ameaçada pela P.I.D.E., e pelos Centuriões Salazaristas, aliados à O.A.S. francesa. Gozou então da proteção da Polícia Francesa do Governo do General De Gaulle. — Em 1965 deixa o exílio em França (Paris), pelo exílio no Brasil, em São Paulo. Em São Paulo foi, logo após a sua chegada, redator do semanário anti-salazarista e anti-colonialista, A Semana Portuguesa. Em São Paulo, a convite da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, foi encarregado de ministrar um curso de Sociologia Africana, assim como fez parte dos quadros de pesquisadores da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. — Castro Soromenho, depois de há anos ter sido membro do Partido Socialista Português (Secção Portuguesa da Internacional Operária), depois de ter sido, ainda em Lisboa, e depois já no exílio em Paris, um dos colaboradores mais íntimos do Movimento Popular de Libertação de Angola (M.P.L.A.), era, na data da sua morte, membro da Acção Socialista Portuguesa. — Acompanhado por amigos brasileiros, acompanhado pelos democratas portugueses de São Paulo, entre os quais o Comandante João Sarmento Pimentel, Presidente do Centro Republicano Português, o enterro realizou-se na tarde de 18 de junho, do Hospital da Beneficência Por-

(Continua na pág. 3)

## SALAZAR na IMPRENSA MUNDIAL

### O Padre Felicidade e o Salazarismo

LISBOA, 4 — O caso do padre Felicidade está causando profundas preocupações nos círculos da Igreja Católica em Portugal.

O reverendo José da Felicidade Alves, conhecido como "Padre Felicidade", desafiou públicamente um tabu nacional, atacando a legitimidade da soberania de Portugal em suas colônias.

Além disso, desfechou um duro ataque ao regime do primeiro-ministro Antonio de Oliveira Salazar, acusando-o de focar as liberdades públicas, desde a época em que exilou o bispo do Porto, há uma década.

O padre Felicidade é vigário da Paróquia suburbana de Santa Maria de Belém e encontra-se atualmente em Paris, estudando no Instituto Superior de Estudos Euménicos.

Ele escreveu ao cardeal-patriarca de Lisboa, Manuel Gonçalves Cerejeira, perguntando se deveria permanecer no Exterior, se havia perdido a sua paróquia ou se deveria abandonar o sacerdócio.

Até o momento, ainda não recebeu resposta. Tudo o que o padre Felicidade sabe é que o cardeal Cerejeira não está de acordo

com as suas idéias e terá que tomar uma decisão quanto ao seu caso.

Os problemas do sacerdote começaram na Páscoa, quando foi passar os feriados em sua paróquia e tentou transmitir ao Conselho Paroquial algumas de suas experiências ecuménicas.

Diante de 70 membros do Conselho da Paróquia de Belém, o padre falou das "perspectivas de transformações nas estruturas da Igreja" e declarou que tem um senso de "responsabilidade pessoal na vida política" de seu país.

Os membros conservadores da Igreja iniciaram uma campanha contra o padre Felicidade, acusando-o de ser um agente da discórdia e exigindo a sua dispensa.

Os elementos que apoiam o sacerdote, na sua maioria jovens católicos que o consideram um líder na reforma da Igreja, organizaram uma outra campanha em sua defesa.

Um grupo constituído por cerca de 600 leigos enviou, na sexta-feira, uma petição ao cardeal-patriarca, protestando contra a prevista demissão do cura de Belém e qualificando-a de "grave injustiça". Numa "tentativa de reconciliação", pedem um esclarecimento público do caso.

O escândalo surgiu quando o padre Felicidade falou abertamente

dos problemas da sociedade portuguesa. Levantou a questão das colônias, pondo em dúvida os "direitos históricos", de Portugal e ressaltando os aspectos "antievangélicos" do colonialismo, bem como as injustiças e a exploração.

Publicado inicialmente no "New York Times" a 4 de Junho, este artigo foi também divulgado pelo "Estado de S. Paulo", no Brasil, e por jornais da Argentina, Chile e Colômbia.

### Vândalos na "Seara Nova"

"A Policia Portuguesa (P.I.D.E.) invadiu hoje as instalações da revista "Seara Nova", considerada a mais importante revista de cultura da Oposição em Portugal. Sete policiaes, à paisana, invadiram os locais, causando depredações calculadas em mais de 3.500 dólares. Os depósitos de material da revista, guardados em cinco quartos, foram apreendidos ou destruídos. A policia apossou-se de cerca de 100 exemplares do livro de Wilfred Burchett's "Bombas sobre Hanol", traduzido pela "Seara Nova", e que fora interdito em fevereiro passado. A policia também proibiu a distribuição da última publicação da "Seara Nova", o livro de A. L. Morton, "O Partido Trabalhista Britânico", ordenando que o livro fosse submetido à censura prévia. Até agora só os jornais e revistas eram

(Continua na página 6)

# Nolas e comentários

## A estrutura salarial Portuguesa

O diário A Capital, de Lisboa, publicou recentemente um bem elaborado estudo de Luís Salgado da Mata sobre a estrutura salarial portuguesa pelo qual se verifica que, em Portugal, não é apenas no plano da distribuição da riqueza, entre os que tudo possuem sem nada trabalhar e os que trabalham sem nada possuir, que as diferenças são gritantes. Também no leque de salários, isto é, apenas no plano dos que trabalham, essas diferenças são enormes, contribuindo para acentuar ainda mais os desníveis marcantes da sociedade portuguesa. Assim, por uma estatística que acompanha o artigo, verifica-se que, numa das indústrias, a dos curtumes, um empregado dirigente ganha 42 vezes mais que um operário especializado! Este é um caso extremo, é certo; mas a média das diferenças entre estas duas categorias atinge quase 15 por cento, o que representa de qualquer forma um desnível elevadíssimo, sobretudo se o compararmos com a diferença entre o operário especializado e o não especializado, que é extremamente baixa. "A relação entre as médias salariais de operários qualificados e não qualificados é de 1,2. Daqui poderemos concluir — escreve o autor — que já é muito estreita a diferença entre a qualificação e a não qualificação e que haveria talvez de começar por aqui, se se quisesse intensificar a qualificação profissional do operário português: estimulá-lo a qualificar-se, aumentando os seus salários e proporcionando-lhe os meios para isso necessários".

Ora, é isto precisamente o que não acontece e que as estatísticas que estamos comentando vieram revelar. O estudo da estrutura salarial vem mostrar que a política de salários do regime salazarista consiste precisamente em cavar, ao lado do fôssco que separa a classe dos possuidores da dos assalariados, outro fôssco entre as diferentes categorias destes últimos. Por outro lado, é evidente também o propósito de impedir a qualificação profissional do operário português, retirando-lhe, como a estatística demonstra, o estímulo da promoção salarial.

## Nova derrota na Guiné

Na Guiné — Bissau o colonialismo salazarista continua em acelerado processo de desagregação. A própria tese fascista de que o PAIGC nunca poderia impôr uma solução militar, tornou-se um mero slogan oficial e é alvo de comentários trópicos nos quartéis, onde o moral é cada vez mais baixo. A sucessão de derrotas militares infligidas pelos combatentes do Exército Popular de Libertação às tropas portuguesas vem-se processando num ritmo tal que o estado maior enfrenta uma resistência fortíssima dos oficiais subalternos e praças destacados para missões no Conti-

nente. Depois da capitulação de Cantá Cunda foi o bombardeamento do aeroporto de Bissau. Agora, uma nova e desmoralizante derrota reforçou a convicção existente em tôdas as guarnições de que a completa derrota militar na Guiné é apenas uma questão de tempo. A captura pelo PAIGC de mais oito soldados na estrada de Kebo, no dia 20 de maio, funcionou como detonador das emoções reprimidas. Os oficiais recusam-se praticamente a assumir o comando dos pequenos postos no Interior, e sargentos, cabos e soldados tendem a amotinar-se de cada vez que são empenhados em serviços de patrulhas, pois o PAIGC controla todos os seus movimentos e ataca tôdas as formações militares que se deslocam nas estradas do Continente, onde e como quer. Cada combate é uma derrota para as forças portuguesas, com um saldo pesado de mortos, feridos e prisioneiros.

Os poucos colonos que ainda restam mostram-se apavorados e nos quartéis a revolta contra a guerra criminosa, que todos hoje sabem estar perdida, cresce semana a semana.

## Um ditador fóssil

Jornais de todo o mundo publicaram com relêvo excertos de uma entrevista concedida por Salazar à revista argentina "Extra". É longo e marcado pelo fanatismo e pela ignorância o rol de disparates contido nas entrevistas concedidas por Salazar à imprensa estrangeira durante os 40 anos de seu terrível governo. Mas nunca temos talvez declarações do velho ditador comparáveis, pelo que nelas há de ofensa à inteligência e de louca cegueira, às que acaba de fazer àquela publicação platina.

Interrogado sobre o problema da autodeterminação dos povos africanos, Salazar não hesitou. Em sua opinião, só dentro de uns 500 anos e, na melhor das hipóteses, nunca antes de 300, os países africanos poderão autogovernar-se. Até lá, para o chefe do fascismo português, a solução é aceitarem a subordinação "aos povos de raça branca". E rematou com um desabafo: "Chamem a isto neocolonialismo ou como desejarem, se acharem o termo gasto".

Salazar teve um mérito: foi franco, expondo sem reservas o seu pensamento. É essa criatura medievall, esse espírito mórbido e obscurantista que se encontra no comando do Estado fascista português.

## A expulsão de Béjart

No Brasil, como em todo o mundo, a expulsão de Maurice Béjart de Portugal serviu de tema a oportunos comentários sobre o carácter liberticida e obscurantista do regime de Salazar. Não fomos surpreendidos pela reação do fascismo, mas nem por isso deixamos de registrar com satisfação, tanto o gesto de coragem do eminente coreógrafo como a digna atitude da platéia que o aplaudiu com entusiasmo quando, durante o espetáculo, em breve alusão ao assassinio de Robert Kennedy — acontecimento que comoveu a humanidade no dia em que Béjart se apresentava em Lisboa — afirmou que o jovem senador norte-americano fora ví-

tima da violência e do fascismo, pedindo em seguida um minuto de silêncio. A assistência, profundamente emocionada, ergueu-se e, terminada a muda homenagem, começou entoando canções revolucionárias de protesto, num espetáculo que Béjart, ao regressar a França, descreveu como maravilhoso.

A PIDE, avisada, compareceu. Maurice Béjart foi prêso, metido à força num carro e conduzido à fronteira espanhola. O corpo de baile do grande artista recebeu, por sua vez, ordem de despejo no dia seguinte. E de nada valeram os protestos da Embaixada francesa que não foi atendida pelo Governo ao classificar a violência da PIDE de "brincadeira de mau gosto".

Segundo informações que nos chegam, o público que assistia ao espetáculo manifestou-se ruidosamente na rua, ao sair do teatro.

## Kiesinger anulou a visita

Com a anulação da anunciada visita de Kiesinger a Portugal, o governo salazarista sofreu uma grande derrota.

O tascismo procura evidentemente mentir e mistificar o povo a respeito do cancelamento de uma visita em torno da qual a sua propaganda vinha fazendo tanto alarido. Mas ninguém se deixa iludir. O pretexto do chanceler Kiesinger de que desejava assistir à sessão do Parlamento que debateu em terceira leitura o projeto sobre o estado de emergência apenas serviu para tema de anedotas... A anulação da viagem deve-se fundamentalmente a dois fatores: em primeiro lugar à delicada situação interna alemã, caracterizada por constantes manifestações contra a política governamental; em segundo lugar à acção dos democratas portugueses que desmascararam o significado político da iniciativa de Kiesinger. Efectivamente a sua presença em Lisboa no dia do aniversário do golpe de estado do 28 de Maio só poderia ser interpretada como manifestação ostensiva do apoio do governo da República Federal Alemã ao regime fascista e colonialista de Salazar. O esclarecimento da opinião pública alemã feito através de inúmeros apelos e protestos endereçados aos parlamentares germânicos e às forças democráticas em geral foi decisivo para as pressões internas que levaram Kiesinger a recuar.

Os democratas portugueses alcançaram uma grande vitória; e o governo fascista de Salazar sofreu uma derrota diplomática e política com que não contava.

## Castro Soromenho

(Continuação da página 2)

tuguesa para o cemitério do Tremembé, em São Paulo.

PORTUGAL DEMOCRÁTICO agradece aos amigos brasileiros dos democratas portugueses tudo o que fizeram para atenuar o exílio de Castro Soromenho em terras do Brasil, e muito especialmente aos Professores da Universidade de São Paulo, Ruy Galvão de Andrade Coelho e Antonio Cândido de Mello e Souza.

PORTUGAL DEMOCRÁTICO, associa-se ao profundo pesar que afecta todos os democratas portugueses do interior e do exílio, não esquecendo nesta hora a sua corajosa companhia de todos os momentos difíceis, D. Mercedes Castro Soromenho, assim como os três filhos menores do malogrado escritor.

## Pequenas Notícias

● O Encarregado de Negocios da Nigéria no Brasil, sr. Akadir, durante uma entrevista à Imprensa, no Rio de Janeiro, acusou o governo fascista português de apoiar e financiar a luta dos separatistas de Biafra. Além de fornecer armas aos sediciosos, Salazar, segundo o diplomata nigeriano, permite que São Tomé sirva de ponte para o auxílio de outras potências a Biafra.

● Segundo a Rádio francesa, os emigrantes portugueses foram, com os espanhóis, os estrangeiros que desfilarão em maior numero no 1.º de Maio, em Paris. Ao longo do desfile recolheram mais de 500 assinaturas em favor dos presos políticos.

● Em Portugal aumentaram os produtos têxteis. Os tecidos de algodão subiram 5%; as roupas de malhas de 10 a 20%; os artigos de nylon 10%.

● A PIDE ensaiou novas armas contra o povo durante a grande manifestação anti-americana do dia 21 de Fevereiro. Uma delas é o chamado carro chicote, semelhante ao brucutu, com a diferença de que na tete está instalado uma espécie de torniquete de chicotes com pesos metálicos nas pontas.

● Em Alpiarça não há notícias do trabalhador rural Manuel Constantino, preso pela PIDE. Receie-se que tenha sido assassinado.

● As agressões a estudantes por grupos de choque fascistas prosseguem. No dia 7 de Março ocorreu mesmo um rapto o de Valentim Alexandre. Quatro rapazes forçaram-no a entrar num automóvel quando saía de um café e levaram-no para uma azinhal deserta onde foi duramente espancado. Os agressores disseram pertencer à organização direitista "Mafia Negra". A polícia nada descobriu...

● Este ano já foram assaltadas as Associações Académicas da Faculdade de Direito e a de Agraduação. Da primeira os eguunos levaram material de propaganda relativo à prisão de estudantes; da segunda roubaram os fundos que encontraram na caixa, 2 500\$00.

● Na guerra colonial da Guiné morreram o alferes Rogério Nunes de Carvalho, o sargento Belmiro dos Santos João, e o soldado Pedro Fernandes. Em Angola morreu o sargento João Pedro da Silva Lopes Conde.

● No Distrito de Castelo Branco recrudescerá ultimamente a emigração para França. Só da freguesia de Malpica do Tejo saíram em fevereiro e março 200 trabalhadores rurais. De Cebolais de Cima emigraram recentemente uns 100 operários têxteis. De Zebreira, Rosmarinhãl, Alvíto da Beira, Cotaia Cimeira, Fonte Longa e Serzedas é também muito considerável o êxodo de trabalhadores agrícolas.

## Adriano Moreira desmascarado

A propósito da visita do fascista Adriano Moreira e das honrarias que lhe foram dispensadas no Brasil, os profs. Ruy Luis Gomes e José Morgado, endereçaram o seguinte telegrama ao Reitor da Universidade da Bahia:

"Na qualidade de professores universitários portugueses afastados da Universidade pelo Governo fascista de Salazar, entendemos que é do nosso dever lembrar que Adriano Moreira foi ministro de Salazar e nunca repudiou o fascismo nem a guerra colonial contra os povos africanos. Como Reitor da Universidade de um Estado onde há tantos descendentes do povo angolano e tantas recordações da luta de libertação dos escravos, Vossa Magnificência compreenderá a nossa estranheza perante a notícia do doutoramento honoris causa do colonialista Adriano Moreira. Podemos afirmar a Vossa Magnificência que tal notícia fere profundamente os sentimentos anti-colonialistas do povo português. Respeitosas saudações.

aa) Ruy Gomes e José Morgado

## Esclarecimento aos leitores

"Portugal Democrático" não foi editado no passado mês de Julho. Faltaram-nos, para tanto, os recursos necessários. A publicação do nosso jornal sofreu uma ou outra interrupção nos últimos dez anos. Mas sempre por motivos técnicos. Desta vez foi a absoluta penúria de meios materiais que nos forçou a suspender a publicação do número relativo a Julho. Havíamos avisado os nossos leitores e amigos da situação crítica que estávamos atravessando.

Retomamos hoje o combate. Alguns amigos dedicados, principalmente do Canadá, dos Estados Unidos — e até de Portugal — enviaram-nos contribuições que, embora modestas, nos permitem levar novamente o jornal aos seus assinantes e leitores de todo o mundo. Mas a nossa situação continua sendo extremamente precária, com um orçamento bastante deficitário. Renovamos por isso os apelos anteriores. A todos os nossos leitores, do Brasil e do Mundo, pedimos a ajuda sem a qual a sobrevivência da mais antiga tribuna de combate ao fascismo português que se publica no exterior continuará ameaçada.



agência TRIÂNGULO de seguros s. a.

SEGUROS DE VIDA EM GRUPO E COLETIVOS DE ACIDENTES PESSOAIS

RUA BRAULIO GOMES, 107 - 4.º andar - conjunto 42

Telefones: — 32-4882 e 37-2774

SEGUROS DE INCÊNDIO SEGUROS EM GERAL

Endereço Telegráfico: — "CAMBRONNE"

SÃO PAULO

# A propósito da desvalorização da libra esterlina - I

JOAO FARIA

Muito se tem escrito sobre a desvalorização da libra, mas, na realidade, a maioria das pessoas fica sem saber o que é a desvalorização e quais são as suas consequências práticas. Por isso, a finalidade deste artigo é dar uma ideia do que significa a desvalorização de uma moeda como a libra e das suas possíveis consequências para países cuja economia depende ou é muito influenciada pela economia do país que desvaloriza a sua moeda.

## I — CAUSAS DA DESVALORIZAÇÃO DA LIBRA

A causa fundamental da desvalorização da libra foi o agravamento da situação económica do Reino Unido, que se tem deteriorado desde a 2.ª Guerra Mundial acompanhando a decadência do "Império Britânico". As dificuldades da indústria e do comércio do Reino Unido, o défice da sua balança de pagamentos (agravado pela exportação de capitais e pelas despesas militares no estrangeiro), obrigaram o governo trabalhista de Wilson a desvalorizar a libra. De 1963 a 1966 o défice da balança de pagamentos alcançou a soma de 1.332 milhões de libras. Em 1964 e 1965, o governo conseguia equilibrar as finanças por meio de créditos recebidos do Fundo Monetário Internacional no valor total de 2.400 milhões de dólares. Mas a continuação da exportação de capitais (1.408 milhões de libras entre 1963 e 1966), as despesas militares no estrangeiro, as compras de aviões norte-americanos, e a crise económica em 1966-67 (a indústria em fase de depressão, a produção e os investimentos diminuíram, o desemprego aumentou), não só anularam os efeitos desses empréstimos como aumentaram o défice da balança de pagamentos e a crise da libra. Em outubro de 1967 o défice alcançou os 280 milhões de libras. Isso provocou o pânico entre os possuidores estrangeiros de libras, fazendo-os trocar libras por ouro ou por divisas mais estáveis. Na tentativa de manter a paridade da libra, em duas semanas apenas o governo britânico teve de comprar a soma colossal de um bilhão de libras a troco de ouro e dólares. Mas esse recurso não pôs fim à crise. Sem adoptar medidas de controle sobre as operações financeiras e o movimento de capitais (que afectariam a oligarquia financeira mas atenuariam o efeito da crise), o governo de Wilson decidiu desvalorizar a libra, descarregando os efeitos da crise sobre os ombros dos trabalhadores do Reino Unido e de muitos outros países. A percentagem da desvalorização — 14,3% — não foi tão alta quanto desejaria o governo, que teve de chegar a um compromisso com o Fundo Monetário Internacional porque os interesses deste seriam afectados por uma desvalorização mais alta. Com essa desvalorização e com um astronómico empréstimo internacional de 3 bilhões de dólares, Wilson prometeu colocar a indústria do Reino Unido em condições competitivas e equilibrar tanto o défice da balança comercial como da balança de pagamentos.

## II — PAPEL INTERNACIONAL DA LIBRA

A 1.ª Guerra Mundial e as crises económicas que se seguiram

a ela no mundo capitalista, levaram as maiores potências capitalistas (E.U.A. e Reino Unido principalmente) a pôr fim ao sistema mundial baseado no ouro. Segundo esse sistema, o ouro (mercadoria que serve de equivalente universal nas relações económicas) era o padrão universal pelo qual se regulava o valor das moedas de todos os países e na base do qual se fazia o cálculo das relações económicas entre os países. Em 1931, o Reino Unido, cuja moeda era a mais importante do mundo, pôs fim à livre convertibilidade da libra em ouro. Com o fim desse sistema surgiram os blocos monetários, que serviam os interesses das respectivas potências imperialistas e nos quais as moedas dessas potências passavam a ter a função que o ouro tinha anteriormente, nas relações entre os países que faziam parte do bloco monetário respectivo. Essas moedas serviam como meio de pagamento universal e passaram a chamar-se moedas de reserva, na linguagem do F.M.I. Era o caso do dólar e da libra esterlina, à base das quais se faziam as operações monetárias entre os países membros das chamadas zonas do dólar e do esterlino (Portugal fazia parte desta). Após a 2.ª Guerra Mundial, os E.U.A. passaram a ter o papel predominante no mundo capitalista graças ao seu poderio económico, militar e político. A guerra enfraquecera e endividara consideravelmente o Reino Unido que, no período da guerra e do pós-guerra, se tornou dependente financeiramente dos E.U.A., como de resto quase todos os actuais países capitalistas da Europa. A

guerra permitira aos E.U.A. apropriarem-se de 2/3 das reservas de ouro dos países capitalistas e converterem-se nos banqueiros dos países imperialistas europeus, saídos da guerra com as suas economias devastadas e sem reservas de ouro. Necessitados dos dólares norte-americanos para poderem reconstruir as suas economias, aceitaram o plano dos E.U.A. para a criação de um sistema monetário internacional baseado fundamentalmente no dólar-ouro. Esse dólar tinha sido criado em 1934, pelo governo dos E.U.A., com o seguinte valor: 1 onça de ouro = 35 dólares. O plano norte-americano (Plano White) foi adoptado em 1945; a partir de então, se bem que o ouro continuasse a valer como um meio de pagamento universal, o seu valor passava a ser expresso em dólares e as divisas dos países a serem calculadas à base do dólar. Antes, a cotação das moedas era estabelecida em relação ao valor do ouro; a partir de então a cotação das moedas passou a ser estabelecida em relação ao dólar. O dólar continuou a ser convertível, ou seja, a poder ser trocado por ouro nas principais bolsas ou no tesouro dos E.U.A. Além do dólar, (até 1958) só a libra continuou a ser convertível em ouro, embora com limites. Ela continua a funcionar como meio internacional de pagamentos mas ocupando o segundo lugar, depois do dólar. Por isso, no sistema monetário capitalista, chama-se ao dólar 1.ª moeda de reserva e à libra 2.ª moeda de reserva. É este o lugar que a libra ocupa no actual sistema monetário internacional, sendo o seu papel de-

terminado também pela importância que tem como meio de pagamento entre os países membros da zona do esterlino (da qual Portugal já não faz parte) e como moeda de uma grande potência.

## III — SIGNIFICADO DA DESVALORIZAÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS INTERNACIONAIS

Dizia-se atrás que o défice da balança comercial e da balança de pagamentos do Reino Unido havia levado o governo de Wilson a desvalorizar a libra.

A desvalorização é a baixa da cotação oficial da moeda em relação à sua unidade padrão (ouro, ou, como vimos, o dólar). Assim, a libra, que desde 1948 valia 2,8 dólares, após a desvalorização vale 2,4 dólares. Dada, como se disse, a importância da libra, a sua desvalorização traz consigo grandes consequências internacionais.

A primeira consequência, que tem ocupado a atenção da imprensa internacional, foi que a desvalorização da libra abalou a confiança nela e no dólar, provocando uma colossal corrida ao ouro porque os possuidores de libras e dólares começaram logo a vender essas moedas e a adquirir ouro a fim de se garantirem contra a eventualidade de outras desvalorizações. Na Bolsa de Londres, no dia 22 de novembro de 1967, logo após a desvalorização, foi comprado ouro no valor de 30

(Continua na pág 6)

NO DOURO — As condições de vida e de trabalho dos assalariados agrícolas na maior parte desta Província são hoje completamente diferentes do que eram há anos. Em primeiro lugar, o desemprego desapareceu em consequência da emigração. O trabalhador é mesmo disputado pelos que precisam dos seus serviços. A escassez da mão de obra é aliás tanta que muitos trabalhos não são realizados e o pouso forçado de certas terras tornou-se comum. O assalariado ganhou uma nova consciência dos seus direitos e é hoje muito mais exigente. Além de salários em alta contínua, exige melhor comida e bom vinho, rejeitando a antiga água pé. E os proprietários, por falta de alternativa, vêm-se forçados a satisfazer as exigências do pessoal, sob pena de não encontrarem gente para o amanho das terras. O horário de trabalho encurtou imenso. A jornada de sol a sol pertence a um passado cuja volta ninguém aceitaria. Hoje pega-se com sol alto e larga-se ainda com muito sol. Em muitos casos nem as oito horas são completadas. Quanto a salários, os 17\$50 que eram a média há três anos subiram para 30\$00 e até 35\$00 acrescidos da comida e do vinho.

### RADIO VOZ DA LIBERDADE

Ouça a emissora da Frente Patriótica de Libertação Nacional às quartas e sábados, a partir das 01,15 (hora de Portugal) em ondas curtas de 25, 31 e 49 metros e médias de 230 e 320 metros

UMA EMISSORA A SERVIÇO DO POVO PORTUGUÊS

# Sex Parties



## O Regime Salazarista nas Fôlhas de Escândalo

O escândalo Profumo português continua a fazer correr muita tinta em todo o mundo. Inicialmente foi a grande imprensa internacional que levou ao conhecimento do público, ocupando-se sobretudo das suas implicações políticas desmoralizantes. Do conspícuo "Times" aos sóbrios jornais dos países socialistas não houve órgão importante da imprensa que não dedicasse a sua atenção aos fatos ocorridos em Lisboa e que confirmavam o estado de podridão a que chegou o regime fascista português. Salazar fez esforços desesperados para impedir a divulgação da verdade incomoda, a PIDE prendeu inclusive pessoas que haviam remetido para o Exterior informações sobre os encontros clandestinos dos ministros fascistas com adolescentes por eles corrompidas.

Mas faltava a segunda fase do escândalo. Dele se vem ocupando agora a imprensa sensacional que faz da exploração do sexo o seu tema principal. O escândalo dos figurões salazaristas parece ser para esses jornais um filão inesgotável. A imagem que reproduzimos dá uma ideia dessa campanha. Veio publicada com todo o destaque no jornal inglês "Inside News", acompanhando uma reportagem recheada de pormenores eróticos e intitulada "Membros do Governo apanhados com Lolitas". No Brasil essa reportagem foi aliás reproduzida e jocosamente comentada pelo diário "Notícias Populares" de São Paulo que, além de inserir as fotos dos ministros que participavam das orgias, esclareceu que as "gatinhas" frequentavam "as melhores camas de Portugal". É nesse oceano lamacento que homens como os ministros Santos Júnior, Quintanilha, Correia de Oliveira e outros, todos fascistas convictos e moralistas hipócritas mergulham o prestígio de nome português.

# É preciso acreditar na Revolução!

No seu numero de Maio, o jornal "Liberdade", órgão da F.P.L.N., aludindo à dureza da repressão em Portugal, recordava melancolicamente que muito mais dura é a repressão no Vietnam. E, contudo, o povo do Vietnam inflige diariamente humilhantes derrotas ao poderoso aparelho militar americano.

O caso do Vietnam é apenas um entre muitos. Ao longo da história houve sempre povos que, em condições incomparavelmente mais difíceis do que as nossas, se bateram vitoriosamente pela liberdade e pela independência contra os inimigos internos ou externos que os oprimiam. Hoje mesmo, enfrentando o próprio Poder encarnado pelo Estado colonial-fascista de Salazar, angolanos, guineenses e moçambicanos elevaram a sua luta a um nível muito mais alto do que os democratas portugueses, muito embora a repressão que sobre eles se abate se caracterize por uma ferocidade inhumana.

É certo que o desespero provocado pelo ilimitado aviltamento do homem, decorrente do status colonial, gera condições extremamente favoráveis à luta. Mas não é menos verdade que, só por si, a existência de condições objectivas ideais não engendrará nunca o advento de uma situação revolucionária. A partir de um dado momento, o factor subjectivo, a criação de um estado de espirito revolucionário nas massas, torna-se elemento imprescindível e decisivo da vitória.

Em Portugal, o atraso do processo revolucionário está, todos o sabemos, intimamente ligado à inexistência de condições subjectivas gerais propícias ao desencadeamento de lutas de massas que conduzam rapidamente à greve revolucionária e à luta armada, desembocando na insurreição popular. Mas não podemos também, sob pena de não agir como revolucionários responsáveis, cruzar os braços, na convicção de que essas condições vão surgir mágicamente com o rodar dos meses e dos lustros. O regime já completou 42 anos! É evidente que o que se tem feito não chega. Alguma coisa está mal, como lembrava recentemente a "Voz da Liberdade", de Argel, exprimindo em editorial o ponto de vista da F.P.L.N.

A liberdade não será oferecida numa bandeja ao povo português. A liberdade — as palavras são de Alvaro Cunhal — só pela luta do próprio povo poderá ser alcançada. É portanto mais do que nunca necessário organizar, conduzir, dirigir essa luta, elevando-a a um plano superior. O povo não é responsável pelos 42 anos de fascismo. A responsabilidade por essa tragédia cabe sobretudo a todos aqueles que, embora proclamando-se anti-fascistas, se vêm recusando sistematicamente a aliar-se às forças populares para o derrubamento do fascismo.

O proletariado português e as massas rurais do Alentejo e do Ribatejo ofereceram ao longo destes anos de decadência e obscurantismo inúmeras provas da sua disposição revolucionária. As jornadas de luta de 58 e 62 pertencem já à história da Nação. O combate dos camponeses sem terra pelas 8 horas desdobrou-se num clima de heroísmo. Os estudantes, ainda em 64, confirmaram que se pode contar com o seu espirito de luta. Não há pois motivos para se deserer da capacidade revolucionária do povo português.

O que se torna cada vez mais dramaticamente necessário é acreditar na Revolução, forjar uma unidade revolucionária e agir de acordo com ela. Se todos os anti-fascistas responsáveis chegaram à conclusão de que o fascismo só pode ser eficazmente combatido por meios não pacíficos, impõe-se preparar as massas para a acção revolucionária, transformar no menor periodo possível a teoria em prática.

O que acaba de se passar em França vai ter uma profunda repercussão em Portugal. No bom e no mau sentido, diríamos. A batalha de que participaram 10 milhões de trabalhadores franceses foi também nossa, foi de todos os homens progressistas que viveram dia a dia, quase hora a hora, a luta dos operários, dos estudantes, das forças democráticas da França, na sua contestação global do sistema de exploração do capitalismo monopolista. Mas não almentemos ilusões. Não faltarão em Portugal elementos predispostos a extrair dos acontecimentos da França lições erradas.

Numa entrevista à Radio Portugal Livre, concedida em Fevereiro, Alvaro Cunhal analisou com fria lucidez os perigos do culto da acção dos heróis e dos feitos individuais que se contrapõem à acção das massas, condenado todas as tácticas putschistas e aventureiristas. "Um pouco por toda a parte — acentuou — elementos radicais da pequena burguesia negam que os partidos operários possam ou queiram dirigir a Revolução e pretendem que essa tarefa incumbe a organizações da pequena burguesia. Alguns não deixam de invocar o marxismo-leninismo, interpretando apressada e incorretamente as suas teses fundamentais para cobrir ideologicamente posições tipicamente pequeno-burguesas". A tentação de copiar mecanicamente tácticas alheias é irresistível para esse tipo de revolucionários, indiferentes à situação real a que vão ser aplicadas. "Não são heróis isolados — a observação é ainda de Alvaro Cunhal — que podem resolver os problemas de uma revolução, que só a organização política, a acção política, a luta de massas, a acção popular revolucionária podem resolver".

Não é preciso ter uma imaginação fértil para prever que neste momento numerosos jovens, empolgados pelo que se passou em França, se entreguem em Portugal febrilmente à discussão de planos que incluem ocupação de faculdades e luta de ruas contra o fascismo, com barricadas a servirem de estopim da insurreição. Não seremos nós a condenar a luta dos estudantes portugueses nas ruas e praças públicas contra o aparelho de repressão fascista. Desejamo-la, pelo contrário. Num regime liberticida e apodrecido como o de Salazar, toda a agitação que envolva grandes massas apresenta um significado positivo. As próprias barricadas estudantis que em Paris não deixaram de ter reflexos negativos na evolução do estado de espirito da opinião publica — teriam em Lisboa, no Porto ou em Coimbra consequências extremamente positivas e um nitido conteúdo revolucionário. Mas há um abismo entre o sonho e a realidade. Os heróis isolados são impacientes. Falam em massas, mas, desligados delas, acreditam que a melhor maneira de as trazer para a rua seja a deflagração de proezas que as galvanizem. A organicidade do

MIGUEL URBANO RODRIGUES

movimento estudantil Português é infelizmente, no momento, muito fraca. Todo o processo, para os revolucionários acicatados pelo desespero, é assim invertido. As acções de massas, as barricadas tendem a ser encaradas numa perspectiva romântica, como fim a atingir através de actos individuais. Numa palavra, o objectivo real não tardaria a ser relegado a plano secundário, substituído pelo golpe de mão improvisado. E nesses casos o terrorismo puro e simples pode converter-se mesmo na essência do trabalho de revolucionários bem intencionados mas irresponsáveis. O fascismo seria então o grande beneficiário.

Significa isso que devemos esquecer o que se passou em França, que se diga aos estudantes portugueses que não tomem conhecimento das batalhas em que se acham envolvidos colegas seus em numerosos países da Europa e da América? De modo algum. A coragem, a devoção e a coerência são admiráveis virtudes revolucionárias e a juventude de Portugal deve exercê-las plenamente na luta pelo derrubamento do fascismo. Mas não isoladamente, não de forma anárquica. O importante é que os estudantes participem em bloco, organicamente, da luta contra a engrenagem fascista, como movimento estruturado e sintonizado com as demais forças anti-fascistas.

A perspectiva que se abre ao povo português é a da insurreição popular armada. Por enquanto a luta armada não é ainda a forma fundamental. Depende de todos os anti-fascistas que ela o seja em breve. É óbvio que acções de massas estudantis, a serem deflagradas, contribuiriam poderosamente para criar condições propícias à passagem ao processo insurreccional propriamente dito. Por outro lado — e emitimos uma opinião estritamente pessoal — é nossa convicção de que a melhor maneira de evitar o desperdício de energias revolucionárias e a proliferação das tendências maximalistas pequeno-burguesas citadas por Alvaro Cunhal será o desencadeamento de acções especiais, com objectivos políticos bem determinados, por parte das forças políticas estruturadas e responsáveis que combatem o fascismo. Esse tipo de acções foi aliás previsto pela III Conferência da F. P. L. N. e a ele têm aludido com frequência os dirigentes mais representativos da Oposição anti-fascista. Paradoxalmente, a violência revolucionária organizada, funcionando como instrumento de auto-defesa de massas, é o mais eficaz dos antidotos contra o terrorismo e contra a maré montante das tendências anarquistas.

O regime só capitulará perante a força. A greve dos trabalhadores da Carris de Lisboa, alicerçada numa unidade admirável, acaba de o demonstrar. O entusiasmo com que todas as camadas da população apoiaram o movimento, participando indirectamente dele, imprimiu-lhe um conteúdo revolucionário, revelador de um estado de espirito propenso a aceitar uma escalada da luta anti-fascista.

Não fomos ainda capazes de vencer. Mas se tivermos confiança nas virtudes revolucionárias do povo e nos lançarmos com decisão à tarefa de o mobilizar para verdadeiras acções revolucionárias, o derrubamento do fascismo não tardará.

É para o indispensável ascenso

## ANGOLA FRETE LESTE - II

# Aspectos médico - sanitários

AMÉRICO BOAVIDA

Os Povos da Frente Leste, têm como base da sua alimentação a mandioca, sobretudo entre as populações do grande rectângulo do centro-leste, e o massango entre os Povos da fronteira meridional do sudeste. A mandioca, que é um tubérculo de reprodução contínua, é utilizada durante todo o ano na confecção do alimento tradicional, o "tchima". O massango, que é uma gramínea sazonal, é utilizada principalmente nos meses de Fevereiro, Março e Abril. O milho aparece muito pouco entre os Povos da bacia do Zambeze, mas é utilizado em grande quantidade entre as populações da bacia do Cuando.

Grandes criadores de gado, não utilizam ou utilizam raramente os animais domésticos, na sua alimentação. A carne é toda proveniente da caça, que é particularmente abundante na Região. Os bois do mato, conhecidos por "n'gungas", as lanças e outros animais de grande porte, têm maior procura na época das grandes secas. Os animais de pequeno porte, do tipo das cabras do mato (m'bambi), as gazelas, os javalis, etc., aparecem em maior número na estação pluviosa. Nesta quadra do ano, a procura é sobretudo de peixe. Têm lugar grandes pescarias, por meio de armadilhas e barragens, nas partes mais caudalosas dos rios, ou de poços artificiais cavados nas terras atingidas pelas cheias que se seguem às grandes chuvas.

As gorduras, na quase totalidade de proveniência vegetal, são extraídas de frutos de certas oleaginosas. O óleo de palma é desconhecido na Região. As gorduras animais, faltam na estação seca, devido à magreza extrema dos animais de caça. Os legumes verdes têm muito pouca procura. Aparecem, porém, nessa quadra do ano com certa frequência, na alimentação, folhas de mandioqueira, e de duas ou três variedades de plantas silvestres. Os vegetais são confeccionados in-

variavelmente sob a forma de esparregado.

Como vitaminas, as existentes nos frutos tradicionais. Impõe-se um estudo científico da composição e percentagem das diversas vitaminas nos frutos mais procurados. O mel tem muita procura. E o valor energético desde elemento é valiosíssimo, sobretudo nos meses de seca. O sal falta por completo. O produtos de incineração das raízes e das folhas de certas plantas, não substituem o valor que o sal representa para o organismo.

Abusa-se, como condimento, dum pequeno fruto (gindungo) muito picante, cuja função é sobretudo de excitar o apetite. Pela mesma razão, a carne e o peixe são mais apreciados, quando os primeiros sinais de alteração se tornam evidentes. Em toda a Região, a caça e a pesca são conservadas pelo fumo, que não confere, de resto, uma protecção muito eficaz.

E enfim, as bebidas. As bebidas de fermentação são mais frequentes, mas aparecem igualmente em grande quantidade, bebidas provenientes da destilação da mandioca, do massango, do mel, etc., de forte concentração alcoólica, e conhecidas na Região pelo nome de ka'tchipebê.

O desequilíbrio alimentar é agravado pelas condições actuais da guerra e marca profundamente o organismo das populações rurais. São frequentes os casos de Kwashiorkor, de Beri-Beri, de Raquitismo, (entre as crianças), de Bócio, de Escorbuto, etc.. A resistência às parasitoses e infecções intercorrentes mais banais, está também consideravelmente diminuída, e grande parte do povo é presa fácil das doenças endémicas da Região.

A situação tende, porém, a melhorar. A acção das brigadas de saúde do MPLA começa a fazer-se sentir no panorama alimentar e de nutrição do Povo. As "lavras" — pequenas culturas dos produtos tradicionais utilizados na alimentação das famílias rurais — enriquecem-se já com novas variedades de culturas. E em breve o emprego racional dos elementos recém-introduzidos, será decisivo no equilíbrio do regime alimentar das populações dos territórios já libertados.

Não é de mais valorizar aqui, a importância das lavras no circuito tradicional de trocas destes Povos, que se encontram fora do circuito económico do sistema de exploração colonial. As autoridades administrativas não têm dados sobre a produção dessas lavras, que constituem a única fonte de subsistência dessas comunidades.

A superfície total das terras cultivadas em Angola, é estimada oficialmente em 2.536.000 ha. Desta superfície, 622.000 ha pertencem às culturas ditas industriais, café (525.000 ha), sisal (31.000 ha), tabaco (6.000 ha) e algodão (60.000 ha), e . . . . 1.914.000 ha a culturas alimentares, milho (1.000.000 ha), mandioca (600.000 ha), massango (200.000 ha), trigo (45.000 ha), cana de açúcar 9.000 ha) e outras culturas (60.000 ha). Estes valores, são referidos exclusivamente às grandes plantações e às "fazendas" dos concessionários internacionais (CADA, etc.) e das terras dos grandes colonos.

(Continua na pág. 6)

A vitória não se prepara na defensiva, mas sim atacando.

# Pela amnistia e contra a repressão

APELO A FAVOR DE  
MÁRIO SOARES

Alguns dos nomes mais conhecidos da oposição portuguesa, entre cerca de um milhão de cidadãos das mais diversas profissões, assinaram uma petição enviada ao "presidente" Americo Tomás, protestando contra a deportação do dr. MÁRIO SOARES e reivindicando a sua imediata libertação. O documento foi entregue pelo presidente da Ordem dos Advogados e pelo vice-presidente do Conselho Superior Disciplinar da mesma.

PIRES JORGE CONTINUA  
MUITO DOENTE

Continua a inspirar serios cuidados o estado de saúde do heróico dirigente operário PIRES JORGE. Segundo notícias recebidas de Caxias, foi submetido a uma delicada intervenção cirúrgica no dia 1.º de Março, no Hospital Prisão daquela fortaleza. Os sintomas da doença que o levou à beira da morte são antigos, mas o seu estado agravou-se devido à brutalidade e à estupidez do enfermeiro do presidio que lhe dava pilulas para "a enxaqueca" sempre que Pires Jorge se queixava de dores insuportáveis. Como em Caxias as condições hospitalares são péssimas, prossegue a campanha pela libertação imediata do valoroso combatente democratico.

OUTROS DOENTES

No Hospital de Caxias acham-se também internados recentemente GUILHERME DE CARVALHO, que devia ser operado à vesícula, JOSE CARLOS E AFONSO GREGORIO. A saúde de LIGIA CALAPEZ inspira, por outro lado, serias apreensões, pois as suas perturbações nervosas — marcadas por ataques epilépticos frequentes — tendem a agravar-se. O estado de ALBINA PATO é igualmente mau. Sem os cuidados de um neurologista particular não tem possibilidade de melhorar.

CINCO CONDENAÇÕES  
NO PLENÁRIO

Nos primeiros dias de Julho foram julgados no Tribunal Plenário de Lisboa vários antifascistas, sendo todos condenados a pesadas penas. Não tendo ainda recebido informações dos nossos correspondentes em Portugal, publicamos abaixo o telegrama que a respeito do julgamento foi distribuído à imprensa brasileira pela Agência Reuters:

LISBOA, 8 — Acusados de pertencer ao Partido Comunista Português e exercer atividades subversivas contra a segurança do Estado, cinco operários foram condenados a penas que variam de 13 meses e dois anos de prisão.

De acordo com a promotoria, os acusados distribuíam jornais do PCP intitulados "Avante, Militante", "Camponês" e "Corricio", além de organizarem uma coleta de fundos. Os réus foram acusados ainda de operar uma loteria ilegal com garrafas de vinho e prémios e de fornecer informações de natureza estratégica ao Partido Comunista Português, entre 1956 e 1967.

A pena mais pesada, de dois anos, foi imposta a Comerzindo de Jesus Carvalho, de 37 anos, funcionário do Serviço Meteorológico Nacional, que foi também privado de seus direitos políticos por quinze anos.

OUTRAS CONDENAÇÕES

O tribunal Plenário pronunciou as seguintes condenações por "atividades subversivas": Dr. Joaquim Monteiro Matias, advogado, de 24 anos, 2 anos e oito meses; Sergio de Carvalho d'Espiney, engenheiro, de 34 anos, 2 anos e quatro meses; João Marques de Almeida, de 21 anos, dois anos e quatro meses. Todos sofreram suspensão de direitos políticos por 15 anos.

## Salazar na Imprensa Mundial

(Continuação da página 2)

obrigatoriamente submetidos à Censura Prévia. É a primeira vez que a revista "Seara Nova" é invadida pela Polícia, segundo a informação de um empregado, embora muitas das suas publicações já tenham sido apreendidas. A "Seara Nova" é uma revista mensal de arte, literatura, assuntos de ordem econômica e política. É considerada a publicação mais influente do País do ponto de vista intelectual e político. Tem 10.000 assinantes".

(in "New York Times" 25/6/68)

FUTEBOL E POLITICA

Pela primeira vez após o fracasso da Copa do Mundo, formase uma seleção para excursionar pelo mundo. Tudo foi feito às pressas e em termos de vale tudo. Nem sequer haverá um treino para que os escalados entrossem seu estilo de jogo. O futebol brasileiro irá à Alemanha, que já foi campeã do mundo, à Tcheco-Slováquia, que foi vice-campeã, e a outros países europeus. Depois, numa viagem de quase dois dias, com uma escala nos bancos do aeroporto de Lisboa, saltará para a África e jogará em Lourenço Marques. Ninguém entende a razão desse jogo, a não ser o colonialismo português, aliado dos racistas da Rodésia e da África do Sul, que — certa vez — tentaram impedir que o nosso Madureira se exibisse em seus campos de futebol porque o time tinha alguns negros em seu conjunto.

Não há vantagens técnicas nesse jogo e o próprio risco da viagem é absurdo. Mas o banqueiro Almeida Braga, antigo secretário do Governo Lacerda e hoje diretor de futebol da CBD não vê isto. Vai fazer propaganda do colonialismo português e levar nossos craques para inaugurar o "Estádio Salazar" em Lourenço Marques. De lá, curtidor pelo racismo, a nossa seleção dará um pulo de 360 graus e vai jogar no México. Na África, a CBD não vai jogar futebol. Vai fazer a política do colonialismo.

(in "Ultima Hora", Rio, 7/6/68)

SALAZARISMO...

"Quando Portugal vestiu o casaco negro do imobilismo salazarista, e entrou de rijo no ritmo disciplinador do mestre-escola exigente, outras eram as condições do mundo. Não há como negar que as reguadas do bedel severo deram os seus resultados. Coagulou-se a sociedade lusa na miragem de suas ruas limpas, de sua polícia vigilante, e dos pés descalços com bons modos. A moeda equilibrou-se, a inflação foi domesticada, e o bom lisboeta, produto de uma explosão demográfica parcimoniosa, quando

em excesso, é remetido para a "broca" dos buracos parisienses, ou para uma sepultura singelana nas lonjuras africanas. Não há gente de mais a perturbar a paz do monetarismo ibérico".

(João Pinheiro Neto, in "Ultima Hora", Rio)

## Angola, Frente Leste...

(Continuação da pág. 5)

O mesmo se passa com a Pesca. Os números oficiais referem, por exemplo, 215.000 toneladas de peixe capturados e desembarcados em 1963. Nesta tonelagem, não estão incluídos — por desconhecimento absoluto — os valores respeitantes às quantidades capturadas pela população rural.

A negligência destes números, aparece-nos com toda a evidência, quando sabemos que a superfície total da rede hidrográfica em Angola, é de 1.060.070 km<sup>2</sup>, ou seja 85 por cento da superfície total do País.

De resto, os próprios dados estatísticos, confirmam o abandono a que se encontra votada a grande maioria da população africana, quando referem, que das 215.000 toneladas de peixe capturado, 188.000 toneladas foram transformadas em farinha e óleo de peixe, na sua totalidade para exportação. E que das 27.000 toneladas restantes, 11.000 toneladas foram ainda exportadas sob a forma de peixe fresco (República do Congo-K) ou peixe seco. E as restantes 16.000 toneladas absorvidas no consumo interno, — evidentemente, das populações europeias.

Em síntese, as carências alimentares, dizem respeito, fundamentalmente, a proteínas, a gorduras e vitaminas. A quantidade de carne e peixe consumida é manifestamente insuficiente. O leite e os ovos não fazem nunca parte da dieta alimentar. E se entre os Povos da extremidade sul do País (Kwangali, Cuanhama) são frequentes os derivados do leite, estes não se encontram todavia entre os Povos do quadrilátero do centro-leste (Lovale, Luena).

A dieta é deficiente em vitamina A e vitamina C. O Ferro, o Cobre, e o Manganês encontram-se em quantidades apreciáveis no sub-solo do quadrilátero (Luena), mas faltam na região dos Povos da linha de fronteira do sudeste (Bunda). Falta Iodo e Cloreto de Sódio. O Bócio é endêmico.

## Desvalorização da libra

(Continuação da página 4)

milhões de dólares em ouro

as reservas oficiais desses países atingiam, em setembro de 1967, as seguintes somas:

	milhões de dólares em ouro e divisas:
E.U.A.	14.277
R.F.A.	6.808
França	5.835
Itália	4.550
Suíça	3.156
Reino Unido	2.733
Bélgica	2.212
Holanda	2.104

O "Pool do Ouro", que funciona em Londres, tem por finalidade manter permanentemente estáveis o preço do ouro e, consequentemente, do dólar. Logo que observa oscilações de preço no mercado internacional do ouro, o "Pool do Ouro" vende ou compra ouro a fim de anular essas oscilações, conservando o preço do ouro em equilíbrio. Nessas compras e vendas de ouro, cada um dos países membros do "Pool do Ouro" participa com uma determinada percentagem estabelecida pelo acordo. Como a percentagem dos E.U.A. é muito maior que a dos outros (50%), sempre que no mercado a procura do ouro é maior do que a oferta, é o ouro norte-americano que é vendido em maior quantidade. Mantendo-se a procura, os E.U.A. têm de continuar a vender ouro, o que agrava a situação das suas reservas de ouro, que já há anos vêm diminuindo constantemente.

Reservas de Ouro dos E.U.A.  
1957 — 22,9 bilhões de dólares  
1967 — 13

Essa diminuição acentuou-se desde 1966 e acelerou-se subitamente com a corrida ao ouro. Os E.U.A. têm de continuar a vender ouro em troca dos dólares que são obrigados a comprar (Se recusarem fazê-lo, cessará a convertibilidade do dólar; o dólar deixará de ser a unidade padrão pela qual se regulam as moedas de todos os países capitalistas). Nos cinco meses que antecederam a desvalorização da libra, o "Pool do Ouro" teve de vender ouro no valor de 700 milhões de dólares. Metade desse ouro, ou seja 350 milhões de dólares, salu dos cofres dos E.U.A. No momento da desvalorização, para cobrir os dólares em circulação no mundo (29 bilhões de dólares) e a dívida à vista para com o estrangeiro (25 bilhões de dólares) os E.U.A. dispunham somente de 13 bilhões de dólares em ouro. Por outro lado, o deficit da sua balança de pagamentos era de 2,3 bilhões de dólares. Só no mês seguinte à desvalorização, os E.U.A. perderam 1 bilhão de dólares em ouro, cifra fantástica, comparada, por exemplo, com as reservas totais de Portugal em ouro e divisas, as quais em 1965 tinham alcançado essa mesma cifra. Ou seja, em

um mês apenas, os E.U.A. perdiam em ouro o equivalente a todas as reservas do estado português em ouro e divisas.

Apesar do alto saldo negativo da sua balança de pagamentos, os E.U.A. têm podido manter o dólar graças ao seu poderio econômico-político e à solidariedade do sistema imperialista, da qual o "Pool do Ouro" é expressão. Mas esse equilíbrio não poderá manter-se sempre. O primeiro golpe foi dado em junho de 1967, quando De Gaulle abandonou o "Pool do Ouro" por não querer apoiar uma política cujo objetivo é sustentar o dólar na sua paridade com o ouro, paridade que é considerada artificial porque dá ao dólar um valor demasiado alto. Além disso, essa política de solidariedade imperialista dá aos E.U.A. uma posição privilegiada, permitindo-lhes financiar grandes investimentos e empréstimos de capitais no estrangeiro (e nos próprios países imperialistas), lançar programas neo-colonialistas de "Ajuda para o Progresso", e manter uma colossal e moderníssima máquina de guerra, poderoso instrumento da sua política imperialista à escala mundial. Ora as contradições do sistema imperialista, que se manifestam, entre outras, na rivalidade franco-norte-americana e na concorrência econômica entre os E.U.A. e a Europa imperialista, tendem a pôr fim a esse equilíbrio monetário que já não beneficia todo o sistema imperialista mas só os E.U.A. e alguns países que se apoiam nêles. A desvalorização da libra, portanto, veio dar mais um golpe nesse equilíbrio. Os E.U.A., que até agora inspiravam tanta confiança no dólar, tiveram de tomar medidas de austeridade e restrições financeiras a fim de salvá-lo. Difícilmente o poderão fazer se a libra desvalorizar novamente ou se houver uma nova corrida ao ouro que não possa ser estancada pelo "Pool do Ouro" nem pelo recurso a medidas paliativas por parte do governo norte-americano.

Segunda consequência da desvalorização da libra:

Foi pôsto em causa o atual sistema monetário internacional. Nos principais países capitalistas, economistas e políticos discutem se ele deve continuar a ser baseado no dólar, voltar a ter por base o ouro, ou ser intelramente transformado.

Finalmente:

A desvalorização da libra afeta a economia de outros países, principalmente os membros da Commonwealth, mas também os países cujas relações com o Reino Unido pesam nas suas economias. Após a desvalorização da libra, 24 países desvalorizaram as suas moedas para não serem prejudicados, embora alguns, como a Espanha, o tivessem feito como pretexto para aliviarem as suas próprias dificuldades.

Importa frizar que em qualquer dos casos a desvalorização prejudica sempre os trabalhadores porque provoca a diminuição do seu salário real.

(continua)

## A COLEÇÃO CLÁSSICOS GRANIER

sob a direção do Prof. Vitor Ramos

destaca entre as suas publicações de alto nível, duas obras-primas de Alexandre HERCULANO:

O BÓBO

KURICO, o PRESBITERO

ambas com prefácio de Vitorino Nemésio

e anuncia seu último lançamento

SERMOES de Padre António VIEIRA

numa seleção de Jamil Almansur Haddad

Uma realização da

## DIFUSÃO EUROPÉIA DO LIVRO

Rua Marquês de Itú, 79 - Tel. 33.2430

São Paulo

OUÇA A RÁDIO

PORTUGAL LIVRE

Diariamente das 8 às 8,30 em 50 metros; das 20 às 20,30 e das 22,13 às 22,43 em 32 metros; e das 0,30 às 0,50 em 36,40 e 43 metros. Aos domingos das 13 às 13,30 em 19,20 e 26 metros.

UMA EMISSORA A  
SERVICO DO POVO  
PORTUGUÊS

# Angola vista por um correspondente do "Times"

O "Times" de 20 de março passado, pela pena de William Norris, seu correspondente em África, publica longo artigo subordinado ao título acima, do qual transcrevemos a seguir alguns períodos, embora o trabalho merecesse transcrição completa, o que nos não é permitido fazer pelas habituais limitações de espaço.

Começa Norris por nos dizer que as fazendas no interior de Angola se tornaram verdadeiras fortalezas na defesa dos colonos contra os angolanos, descrevendo a visita que fez a uma delas, onde o seu proprietário orgulhosamente lhe mostrou metralhadoras, granadas e muita munição. Prosseguindo o articulista refere-se ao fato, afirmando: "Foi um episódio sem importância mas que mostra a evidência a forma séria como os portugueses encaram a ameaça. Acredita-se que nas montanhas dos Dembos existam cerca de 10.000 homens da U.P.A., de Holden Roberto, ocultos na impenetrável floresta; possivelmente 3.000 deles dispoem de armas passadas através a fronteira congoleza. A autodefesa é a palavra de ordem nestas paragens, a qual é auxiliada pelos pelotões volantes da Polícia Rural paramilitar, que se mantém 24 horas por dia à escuta, na rádio".

Sob o subtítulo de "O objetivo de Benguela", diz-nos Norris que "os homens de Roberto não estão perturbando muito no momento, sendo relativamente bem controlados pelo exército português, que faz constantes incursões na floresta, permanecendo no entanto a ameaça latente, o que obriga à manutenção de grandes forças militares. O mesmo acontece no "enclave de Cabinda, onde uma paz precária foi recentemente interrompida, e pela primeira vez em vários meses, por um ataque do M.P.L.A. Mas no leste, onde Angola tem fronteira com Zâmbia, a história é diferente. Aí os homens do M.P.L.A. e da U.N.I.T.A. fazem constantes incursões nas vastas regiões desérticas do sudeste angolano, aparentemente com a finalidade de alcançar o distrito central, densamente povoado. Nesta área as forças portuguesas são escassas, dispoem de menos de seis batalhões e a interceptação não se torna fácil, se bem que um certo número de sucessos hajam conseguido até agora. Um dos principais objetivos, em especial da U.N.I.T.A., é o caminho de ferro de Benguela, de propriedade inglesa, que se estende das fronteiras do Congo até o porto do Lobito. Os constantes descarrilamentos, e consequentes estragos desta estrada de ferro, cujo material rolante, de fabricação britânica, é a última palavra em obsolescência opulenta, tornam os portugueses cegos de raiva, fazendo com que perguntem: se Zâmbia quer que transportemos o seu cobre por que diabo ajuda aqueles que procuram impedir a marcha dos trens? O que é uma pergunta de difícil resposta!"

Continuando o correspondente do Times afirma que "se o exército português, escudado nos dispositivos de autodefesa, está conseguindo manter a ati-

vidade militar em certos limites, continua permanente o problema da sublevação do próprio povo angolano, surgindo aqui a terceira, e menos atraente, arma defensiva de Portugal: a PIDE, a polícia secreta portuguesa". Descrevendo um encontro que teve com o seu chefe, um tal dr. Lopes, Norris diz ter ouvido deste personalidade a afirmação de que ela — a PIDE — era amada em Angola! Não sabemos se apelando para uma espécie de humor negro informa o articulista que o tal Lopes lhe disse que "se recusa a acreditar que alguém fale mal da PIDE em Angola, pois ela existia para a proteção do povo e podia haver coisa mais bonita que isto? É certo que a PIDE tem poderes para manter presas pessoas sem julgamento, mas isso era coisa comum em toda a polícia portuguesa, pois, de qualquer forma, a prisão era muito boa". Para provar a veracidade de suas palavras o Lopes mandou buscar três prisioneiros angolanos os quais "sorriam timidamente" e iam ser soltos em breve" tornando-se informadores da Polícia..." Sem comentários...

Prosseguindo nas suas considerações, através das quais transparece por vezes uma fina ironia, o correspondente do Times informa os seus leitores que "os portugueses estão em Angola há quase 400 anos e que é fácil estabelecer paralelos entre a sua atitude e a dos colonos brancos da Rodésia e da África do Sul". Apresentam no entanto os portugueses uma diferença vital em Angola: lá como nas outras colônias não há propriamente uma barreira racial, pois os angolanos têm os mesmos direitos políticos que os portugueses, os quais "virtualmente não são nenhuns". O angolano, segundo Norris, pode ir às mesmas escolas que os portugueses, ser tratado nos mesmos hospitais, hospedar-se nos mesmos hotéis e beber nos mesmos bares, "desde que possa permitir-se esse luxo" e aí é que reside a dificuldade pois o salário mensal médio "é de 800 escudos. O resultado é que as condições de vida da maioria dos angolanos não fazem grande diferença das dos outros povos africanos".

Falando-nos do ensino diz-nos Norris que há uma grande necessidade de mais escolas e que as visitadas por ele, em Nova Lisboa, tinham de funcionar pelo sistema de dois turnos, sendo muito pequeno o número dos alunos angolanos no ensino secundário, enquanto que nas escolas técnicas a participação africana já é grande.

Quanto à firme decisão que têm os portugueses de permanecer em Angola diz-nos o jornalista inglês que surgiram dois novos fatores, os quais vieram fortalecer essa determinação. "O primeiro é o ferro, o segundo o petróleo. O ferro encontra-se perto de Cassinga, a 200 quilómetros da costa, no planalto central, em duas imensas jazidas, distanciadas entre si de 20 quilómetros, sendo o teor do minério de elevado grau e extração fácil, tendo no entanto a mesma exigido a construção de 40 quilómetros de estrada de ferro. O enorme

investimento — cerca de 100 milhões de dólares — foi conseguido através um consórcio internacional, liderado pela empresa alemã Krupp. Mas a Krupp e os seus associados têm apenas um interesse passageiro na transação; o seu acôrdo com a companhia portuguesa que controla a concessão não representa muito mais que um crédito para a venda de equipamento automático, vagões e locomotivas".

Sobre o petróleo de Cabinda, a que Norris dedica um capítulo inteiro do seu interessante e atualizado artigo, escreve ele: "Moçâmedes, onde o minério se escôa pelas correias transportadoras para os porões dos navios, é tanto ao sul quanto se pode ir em Angola sem entrar no deserto; Cabinda, onde o petróleo jaz sob um mar pouco profundo, é no extremo oposto: um pequeno enclave entre os dois Congos. A Cabinda Gulf, subsidiária da American Gulf Oil Company, parece não ter qualquer dúvida acerca da segurança das suas instalações. Quando a produção realmente começar, em fins de 1968, ela terá gasto 124 milhões de dólares no projeto. Em compensação estará obtendo, quando os poços chegarem ao ápice da produção em 1970, 7.500.000 toneladas de petróleo, de cujo lucro líquido os salazaristas receberão mais de 50%, a título de royalties.

O impacto na pequena cidade de Cabinda foi enorme e o equipamento de perfuração jaz por todos os lados, parecendo que em toda a parte há edifícios a construir-se. "Os americanos, os homens do petróleo, de minúsculas bermudas e pele curtida, ensandichados entre os enormes chapéus e as botas altas, passeiam como se fossem os senhores do mundo, no que realmente se tornaram".

Norris encerra o seu trabalho dizendo-nos que "em face de tudo isto, e ainda das enormes exportações de café da região de Carmona e das minas de diamantes de Portugalá, é fácil de acreditar que os portugueses não estejam ansiosos por deixar Angola".

Et pour cause, dizemos nós...



Pedidos à nossa Redação, à Rua Conselheiro Furtado, 191 - S/2 São Paulo

## CONJUNTURA PORTUGUESA - V

# Uma política agrária contra a população

As organizações populares e progressistas portuguesas definem o governo fascista como o governo dos monopólios e dos latifundiários. Mas sublinham também que os latifundiários, embora cada vez mais estreitamente ligados aos monopólios, estão a eles subordinados. Isto significa que, quando os interesses dos grupos monopolistas colidem com os do latifundiários, são os primeiros que prevalecem na política fascista.

Os próprios têm disso a idéia. O grande agrário Ruç de Andrade, por exemplo, Presidente da Associação Central de Agricultura, escrevia há tempos: "Há em Portugal um verdadeiro domínio do Sector Industrial sobre o Sector Agrícola, tendendo a afastado de uma situação de equilíbrio geral para uma de complexo dominante-dominado" (20-1-65).

Daqui resultam certas disputas entre os monopólios industriais e os grandes agrários. Mas poderá admitir-se (como alguns parecem fazê-lo) que essas contradições de interesses levem os grandes agrários a passarem para o Oposição ao regime? Seria um erro profundo admiti-lo. Quando, em momentos mais agudos essas contradições de interesses, os grandes agrários, utilizando os organismos corporativos que dominam, protestam publicamente contra tal ou tal medida governamental, não deixam de apoiar o regime fascista. O que pretendem é que o governo dê satisfação aos seus interesses em prejuízo do campesinato e para isso procuram também controlar e castigar o protesto geral do campesinato atingido pela mesma medida.

Existem contradições de interesses entre as classes dominantes. Mas estas entendem-se ao mesmo tempo no prosseguimento duma política de exploração feroz das classes laboriosas. Os latifundiários e grandes capitalistas da agricultura exploram ainda mais desenfreadamente os proletários rurais e procuram continuar a engrandecer as suas fortunas à custa das dificuldades dos camponeses médios e da ruína dos camponeses pobres. Nisso serve-os o governo fascista sem quaisquer restrições.

A política agrária fascista visa apressar o ritmo do desenvolvimento do capitalismo nos campos, favorecer a criação e desenvolvimento de grandes explorações capitalistas, impulsionar a liquidação da pequena produção, manter um numeroso exército de assalariados rurais desempregados que facilite a baixa dos salários.

É tão ostensiva esta política, que o governo vai ao ponto de "planificar" a redução da população agrícola activa. Verificando que, de 1950 a 1960, a diminuição média anual foi de 8.2 milhares de pessoas, pretende que passe a ser de 23.8 milhares de 1965 a 1967, de 40.8 milhares de 1968 a 1970 e de 52.0 milhares de 1971 a 1973 ("Plano Intercalar de Fomento", v. pag. 74). Isto é: pretende que, no espaço de 9 anos, a população agrícola activa diminua de 350 mil pessoas!

Isto que significa! Significa o propósito de, por via de mecanização e melhoria técnica das grandes explorações, lançar mais e mais para o desemprego os assalariados rurais, expulsar da agricultura uma parte, empreender a rápida liquidação de muitas dezenas de milhares de pequenas explorações.

## Matosinhos...

(Continuação da 1.ª pág.)

mos esta correspondência — nenhuma traineira se fez ao mar, em sinal de protesto contra o terror policial. Por outro lado, o peixe que no dia 1 não foi descarregado foi jogado ao mar. Só à sua parte, houve um armador que perdeu mais de 60 contos.

Na Vila, a determinação de luta da população, solidária com os pescadores, era reforçada com as notícias de Lisboa sobre a vitoriosa greve da Carris.

Alarmada, a PIDE pôs em liberdade, ao anoitecer, todos os mestres.

## PORTUGAL DEMOCRATICO

DIRETOR RESPONSÁVEL  
Otávio Martins de Moura  
SUCURSAL

RIO DE JANEIRO: Rua General Pedra, 215 — Tel.: 43-0202

REPRESENTANTES

RECIFE: Manuel Luis Fernandes e Angelo Ferreira da Silva — Rua Real da Torre, 819 — 1.º

CURITIBA: Antonio Serpa — Rua Dr. Murci, 712

LONDREIRA: Juiu Duarte — Edifício Centro Comercial — Apto. 141

PELOTAS: Heitor M. Bandeira — Rua 7 de Setembro, 312 — Pelotas — Rio Grande do Sul

INGLATERRA: Portuguese and Colonial Bulletin — 10 Pentman Road, London, S.W. 8

BRUXELAS: Mercedes Guerreiro — 107, rue Valaanderstraat — Valaanderstraat — Vilveede — Belgique

HOLANDA: ANGOLA COMITE — Vinkenstraat 13 — Amsterdam — C.

CANADA: Portuguese Canadian Democratic Association 357½ College St Box 153 Station B — Toronto 2 B — Ontário A. dos Santos 7564 d'Outremont Ave. — Apt. 1 Montreal 15, P.Q.

VENEZUELA: Junta Patriótica Portuguesa — Apartado 8287 — Caracas

URUGUAI: Junta Patriótica Portuguesa del Uruguay Casilla de Correo n.º 2.128 — Distrito 5 — Montevideo

CHECOSLOVAQUIA: João Ribeiro — Postovní Urad/Jindrišská UL. C.14 Schránka 646 — Praha 1 Tchecoslovaquie

FRANÇA: Grupo de Amigos de Portugal Democrático — 2, Place François Villon — Escalier E — La Courvenouve — Seine — França

REDAÇÃO:  
Rua Conselheiro Furtado, 191  
Sala 2 — Tel.: 37-0933 — São Paulo  
Caixa Postal 6248

Composto na  
Editora ESCRITOS Limitada  
Rua Almeida Torres, 119 — S. P.

EXPEDIENTE:  
Dias úteis: das 19 às 22 horas  
Sábados: das 15 às 19 horas  
Número avulso . . . . . NC:£ 0,20  
Assinatura anual . . . . . NC:£ 3,30

ANO XII — N.º 131 — JUL.-AG./1968

Os artigos assinados traduzem apenas a opinião de seus autores, sendo por consequente de sua exclusiva responsabilidade

# COLONIALISMO E ANTICOLONIALISMO

Uma imagem do imobilismo salazarista

FERNANDO PITEIRA SANTOS

## ANGOLA

Prosseguindo na sua luta contra as forças colonialistas de ocupação a UNITA (União Nacional de Independência Total de Angola) e a FALA (Forças Armadas de Libertação de Angola) levaram nos últimos tempos a cabo diversas ações vitoriosas, que a seguir são relatadas:

Soldados portugueses da base de Serpa Pinto sofreram uma emboscada das guerrilhas que teve como resultado a morte de 5 integrantes do exército de ocupação.

Na região de Nharea e Munhanga teve lugar uma batalha, a que fez referência o Boletim Informativo das Forças Armadas em Angola, órgão oficial do governo português. As perdas foram severas em material e em homens capturados pelos angolanos.

Uma ponte sobre o rio Lukula foi destruída pela FALA.

Na estrada que liga Serpa Pinto e Cagamba, em uma emboscada, as forças da UNITA mataram 15 soldados portugueses. Foram capturados 8 feridos e equipamento militar de importância.

As forças da UNITA destruíram um caminhão Bedford, de n.º 18-14, 24 soldados foram mortos e 6 feridos num ataque entre Gago Coutinho e Vila Luso, tendo sido capturado equipamento militar muito valioso.

As forças da UNITA em ação mataram 15 soldados inimigos, fazendo 18 feridos; apreendidas 5 armas. Esta ação teve lugar na região de Bundas, perto de Lutemba.

Na região de General Machado as forças da UNITA puseram fora de ação uma patrulha de 23 soldados, com 15 feridos e a apreensão de importante equipamento e material.

Não é segredo para ninguém que as forças portuguesas recebem auxílio direto, em homens, material e dinheiro, das nações civicamente mais atrasadas do mundo, a União Sul Africana e a Rodésia do Norte. A respeito das ações militares da primeira em Angola podemos dar as seguintes informações:

As forças sul africanas atravessaram a fronteira angolana na província de Cuando-Cubango em junho de 67 procurando guerrilheiros da UNITA, tendo falhado nos seus objetivos graças a não terem obtido apoio dos habitantes da região.

Em setembro, novamente os sul africanos entraram em Angola pela fronteira do sudeste africano, arrasando dez aldeias e causando muitos prejuízos.

Em 5 de novembro, os soldados da África do Sul de novo em Angola procurando guerrilhas. Sequestrada uma jovem angolana de 15 anos e 8 rapazes entre 15 e 20 anos.

Em 8 de dezembro, os sul africanos constroem uma ponte sobre o rio Luina, entrando em Angola através dela e roubando gado e porcos.

E no dia 18 do mesmo mês, em três veículos militares, as tropas sul africanas entram em Angola, numa região ao sul da colónia, 30 milhas aquém da fronteira, apossando-se de gado e de muitos sacos de milho.

## GUINE

### O PAIG FAZ MAIS OITO PRISIONEIRO

A série de derrotas salazaristas na Guiné-Bissau prossegue. A última verificou-se no dia 20 de maio p.p. Um grupo do Exército Popular de Libertação atacou uma secção portuguesa que se deslocava num caminhão pela estrada que liga Wane a Kebo. Durante o combate que se travou morreram quatro soldados. Os elementos do PAIG, além de capturarem importante armamento fizeram oito prisioneiros: cabo 47877, Rui Rafael Correia; soldados 53390 Jeronimo Manuel de Sousa, 51821 José Maria de Magalhães Medeiros, 29207 Manuel Augusto Leite da Silva, 25295 Manuel Ferreira e 35655 Augusto Dias.

## MOÇAMBIQUE

No período de 21 de março a 28 de abril do ano corrente, foram postos fora de ação 77 soldados portugueses, um grande número de feridos, destruídos 14 veículos militares, tendo sido assaltados diversos postos e instalações militares e libertados 84 moçambicanos, que estavam presos nas celas do exército colonial.

No dia 24 de março foi atacado o posto de Nambude, que ficou inteiramente destruído. A sua guarnição, uma Companhia de tropas portuguesas, foi praticamente morta ou capturada, tendo sido encontrado um cabo escondido debaixo de uma

cama. O nome deste cabo é Fernando dos Santos Rosa, natural de Chaves, em Tras-os-Montes, que tinha chegado à colónia pouco antes, no dia 28 de janeiro.

Dias depois as guerrilhas atacaram o posto de Nankunamia, libertando 72 moçambicanos que estavam presos e apreendendo um farto lote de material de guerra.

Na Província de Niassa, uma emboscada da FRELIMO, na área de Unango, obrigou a tropa lusitana a pedir reforços, tendo sido perdidos todos os homens, tanto os que guarneciam o forte como os que vieram depois.

Em fevereiro um grupo de soldados portugueses tentou um ataque às bases da FRELIMO, na zona de Maniamba, sendo surpreendido pelas minas colocadas pouco antes, do que resultou a morte de vários soldados e de um oficial. Na retirada nova emboscada acabou com o grupo, tendo-se verificado a morte de 12 soldados e a apreensão de material de guerra.

Mais tarde, a 16 de março, atiradores emboscados atacaram uma companhia portuguesa, morrendo então o seu comandante, um capitão, dois alferes e muitos soldados.

Uma ponte, sobre o rio Ruloco, foi destruída a 12 de março e em abril os soldados da FRELIMO atacaram um comboio, na estrada entre os postos de Luatize e Chiconono, tendo destruído muitos veículos militares.

Na Província de Tete, as guerrilhas, operando na zona oeste, atacaram um grupo de soldados, que se retiraram em jipes, os quais foram emboscados, resultando na morte de um capitão, alguns suboficiais, sargentos e soldados; a ponte de Licongudue foi igualmente destruída pelas tropas moçambicanas e o posto de Vila Vasco da Gama, também atacado, viu destruída parte das suas instalações, ascendendo as baixas a 17 soldados mortos e 25 feridos.

# Em Lisboa o povo apoiou com entusiasmo a greve da Carris

LISBOA (Do Correspondente) — Só agora, depois de vitoriosa, a greve dos trabalhadores da Carris começa a ser compreendida plenamente por todos e comentado o seu extraordinário significado. De certo modo, a população foi surpreendida pelo movimento e pela esplêndida unidade que o caracterizou de começo a fim.

Hoje, sabe-se que o pessoal da Carris nunca teria infligido tão humilhante derrota ao governo se não estivesse preparado de longa data para a batalha que decidiu travar. Foram as constantes lutas reivindicativas dos últimos anos e as concentrações frequentes no Sindicato e junto da sede da administração que permitiram que, pouco a pouco, se forjassem a organização admirável e o espírito de unidade que na hora própria foram os maiores trunfos dos grevistas.

Aliás, o movimento teve nas três semanas que procederam a sua de-

As comemorações do chamado "dia da raça", em Lisboa, ofereceram aos Portugueses, uma expressiva e chocante imagem do imobilismo político salazarista. O regime ferido de insanável decrepitude, exibiu, na tribuna presidencial do Terreiro do Paço, em torno do Almirante Tomás, a galeria de velhos e de homens sem idade que têm nas mãos a governança do país.

A direita do Almirante Tomás, sentou-se o ditador; à esquerda o Professor Mário de Figueiredo, colega de Salazar na Faculdade de Direito de Coimbra, como estudante e como mestre, fiel companheiro político de Salazar na União Nacional e no Governo, seu portavoza na Assembleia Nacional e na C. P.; à direita de Tomás, e logo a seguir a Salazar, o Dr. Luis Clotário Supico Pinto, ex-ministro, ex-Delfim, actual Presidente da Câmara Corporativa; noutros lugares de honra, rodeando o triste "Chefe - do - Estado - a - que - Portugal - chegou", sentavam-se o Presidente do Supremo Tribunal de Justiça e os Ministros Mota Velga e Santos Junior, Gomes de Araujo e Ulisses Cortês. Todos eles homens gastos pelo poder, homens cansados e envelhecidos no abuso do direito de mandar contra o povo e no dever de servir obediência ao ditador.

O friso que as imagens desta galeria ofereciam aos espectadores da cerimónia, na imprensa e na televisão, era desolador e sinistro.

A retórica comemorativa e o histerismo guerreiro e colonialista, não podiam mistificar, atenuar ou corrigir, o desconsolador reflexo das imagens da tribuna naqueles que assistiram à cerimónia e em todos que dela tiveram conhecimento pela reportagem da imprensa, da rádio e da televisão.

A consciência dos erros, dos crimes, das limitações e contradições do regime, sobrepenha-se a uma imagem física, real, imediata, da sua decrepitude, da sua decomposição física. Eram aqueles, ridículos e gastos, os homens que mandavam matar e morrer a juventude de Portugal. Eram aqueles, ridículos e gastos, os homens que pagavam crimes vergonhosos e penosos sacrifícios, com condecorações, como se o Povo português e a História, faliassem pela boca dos porta-vozes da reacção bscurantista e dos monopólios sem pátria. Eram aqueles, ridículos e gastos, os homens que

arrastam Portugal para o isolamento, para a catástrofe económica, para a derrota, atirando os jovens portugueses para uma guerra sem saída e sem justificação à luz dos verdadeiros interesses nacionais.

A estafada retórica salazarista, as declamações e declarações patrioteiras e imperialistas, as listas dos heróis, das vítimas verdadeiras e dos que, para nossa indignação e opróbrio, tingiram as mãos de sangue, não podem iludir a verdade: a guerra continua e quem combateu em África sabe que não há vitória militar possível. E os homens conscientes, os que meditam a lição da Política e da História, sabem que só uma solução política e correspondente aos ideais do nosso tempo pode resolver o problema. Porque o problema colonial é um problema político nos quadros da luta anti-colonialista, no quadro geral da descolonização autêntica.

O regime está gasto. O ditador está velho e rodeado de homens velhos e de homens sem idade. As contradições internas, rolem e corróiem o salazarismo. Os monopolistas inquietam-se. Os servidores do ditador afligem-se, agitam-se, conspiram e complotam. O clima nacional é pesado, é de crise. E aquela imagem da tribuna presidencial do Terreiro do Paço. Aquelle friso de velhos à volta do idoso Almirante, canhestro e triste, banal e servil, é o melhor documento de uma situação de imobilismo político. Olhando aquele quadro o Povo sente que vem aí a hora de varrer com uma grande vassourada nacional, patriótica e popular, aquele lixo corporativo e monopolista do solo sagrado da nossa pátria.

A velha ditadura é uma ditadura de velhos. De homens gastos, maus e incapazes. O imobilismo político salazarista traduz a incapacidade de progresso e de renovação que é também uma das características do regime anti-nacional e anti-popular que urge expulsar do poder e radicalmente destruir.

O imobilismo político salazarista é um problema da "oposição", para a "oposição". Os problemas nacionais são problemas da "oposição". Porque só uma oposição anti-fascista e revolucionária poderá fazer progredir o país na paz e para a paz; poderá renovar a sociedade portuguesa; poderá, numa palavra, "continuar Portugal".



Eduardo Mondlane, presidente da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), visitou recentemente a frente de combate no Norte daquela colónia. A imagem mostra-o durante uma inspecção a um acampamento militar das forças do Exército de Libertação moçambicano.

PORTUGAL DEMOCRÁTICO  
R. Cons. Furtado, 191 — SP, Brasil  
Endereços de Assinantes